

## **EDITORAL**

Por Eugênio Vinci de Moraes e Guilherme Carvalho

Eis mais um volume da **Revista Uninter de Comunicação**, a **RUC**. Em seu segundo ano de publicação, a **RUC** segue em sua proposta de divulgar pesquisas na área de Comunicação Social na forma de artigos e ensaios acadêmicos. Nesta edição ampliou-se o número de textos, 8 no total, dos quais 6 são artigos e 2 são ensaios. Ampliaram-se também as instituições presentes neste volume, que conta com autores ligados a universidades federais e privadas do Paraná, confirmando assim o projeto desta publicação em discutir as questões referentes ao campo do Jornalismo, da Publicidade e da Comunicação Social com pesquisadores de todo o país.

Esta edição começa com a reflexão sobre o ensino do jornalismo nas instituições de ensino superior do Paraná, em **O ensino de jornalismo no Paraná: desafios para o século XXI**. Os autores, **Rosa Maria Cardoso Dalla Costa** – professora do curso de Comunicação da UFPR –, e **Luís Otávio Dias** – professor do Centro Universitário Uninter (PR) – descrevem projeto em andamento na Universidade Federal do Paraná em parceria com a Universidade de Lyon II, na França, que busca descrever a forma pela qual o ensino de jornalismo é ministrado nas universidades públicas e particulares do estado do Paraná. Os autores enfatizam no artigo as práticas pedagógicas em face das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Nesse sentido, discutem a expressão “jornalismo digital” utilizada por Polyana Ferrari, que implica não só a existência de um jornalista multimídia, mas também o que é central na pesquisa dos autores, ou seja, a adoção de práticas pedagógicas mais adequadas à formação desse profissional.

Ainda na linha da educação, a mestranda em Comunicação pela UFPR Aline Horn, no artigo **A atuação do jornalista em projetos que aliam Comunicação e Educação**, apresenta uma reflexão acerca da educomunicação, em especial sobre o papel que o jornalista deve assumir nesse processo, marcado hoje pelas tecnologias da informação. Destaca a necessidade de uma aproximação entre jornalistas e educadores para o aperfeiçoamento da capacidade de significação da informação mediada pelos meios de

comunicação. Horn descreve a experiência do *Televisando o Futuro*, programa gerado pela RPCTV do Grupo GRPCOM, como exemplo de aproximação entre jornalistas e educadores, ainda que mediada por um conglomerado midiático empresarial, que nem sempre prioriza o aprimoramento pedagógico.

A relação entre tevê e educação – mais especificamente na formação da identidade da criança – é tratada em outro artigo, **Criança e apreensão do sentido: experiência midiática televisiva como construção de identidade**. Nele, Carolina Fernandes da Silva Mandaji, docente do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), discute a construção da identidade infantil mediante a exposição à tevê. Para a autora, a formação da identidade se dá mediante a apreensão da linguagem televisiva, entendida como uma das dimensões constitutivas da sociedade contemporânea. Para Carolina Mandaji, a tevê deve ser instrumento pedagógico por meio do qual se estimulem as habilidades cognitivas das crianças, mas sempre tendo em vista a apreensão da linguagem televisiva como aspecto predominante nesse processo.

Outra forma de discutir o papel da tevê no Brasil está presente no artigo de Renata Caleffi, mestranda do Curso de Comunicação da UFPR, **O papel da televisão na construção legislativa brasileira**. Ela discute a inserção da televisão no processo de aprovação de leis no Brasil, entendendo esta mídia como um ator social, entre outros, desse processo. Para isso, Renata Caleffi analisou as reportagens veiculadas no **Jornal Nacional** acerca da Lei Carolina Dieckmann e da Lei Seca mensurando-as com os trâmites concernentes a sua discussão e aprovação no Congresso Nacional. Com base na teoria das Janelas de Oportunidades, proposta por Kingdom, e das noções de Gamson para o tratamento de notícias, a autora conclui que a televisão necessariamente “não exerce um papel negativo na construção legislativa brasileira e, sim, atravessa os campos estratégicos da política eletiva e promove uma discussão social sobre a própria sociedade”.

No campo da Comunicação Social temos artigos que tratam de dois fenômenos sociais recentes: as manifestações de junho no Brasil e as posições do papa Francisco I acerca da cultura contemporânea. O primeiro texto, da professora do Grupo Uninter

Máira Nunes, **Comunicação e sociedade civil: as manifestações brasileiras em junho de 2013**, busca compreender, com base nas relações entre poder e comunicação, como os jovens atores políticos elaboram os sentidos de suas práticas ao tomarem as ruas, voltados que estão para a busca de outras formas de representação, uma vez que veem esgotados tanto o modelo liberal de democracia quanto o levado a termo pelo atual governo brasileiro de esquerda. Já no texto sobre o discurso do atual bispo de Roma, **A cultura do encontro como resposta à globalização da indiferença**, Valdecir Bressani, mestrando da UFPR, se pergunta quais as dinâmicas e as lógicas comunicacionais que se encontram por trás da comunicação contemporânea, em particular, as que dizem respeito à cultura do encontro, que defende o respeito à diversidade cultural e à pluralidade de crenças e saberes integradas aos diferentes meios de comunicação, em especial os digitais.

Na seção de **Ensaio** é com satisfação que esta revista apresenta os textos de Maria Elena Muniz e Letícia Müller, ex-alunas do curso de Comunicação Social do Grupo Uninter. Integrantes de Projetos de Iniciação Científica, as ex-alunas procuram discutir temas bastante atuais embasadas em boa e consistente teoria. Maria Elena Muniz, em **Subjetividade do consumo: um diálogo entre Adorno, Horkheimer e Bauman**, parte do conceito de subjetividade do consumo, criado pelo pensador polonês Zygmunt Bauman para abordar o processo de mercantilização e de utilitarismo que assoma o homem contemporâneo. Para chegar em Bauman, Muniz discute, antes, duas teses da Teoria Crítica. A primeira, já “clássica”, trata da emancipação da razão, cantada em prosa e verso pelos iluministas, que se vê eclipsada na modernidade e, a segunda, a de que no lugar dela tem-se a “emancipação” da ideologia das classes dominantes calcadas na massificação e no utilitarismo. Daí em diante a autora usa as ferramentas teóricas de Bauman para pensar sobre o sujeito que emerge nesse contexto. Letícia Müller, por sua vez, em **Memorial Facebook. Meu epitáfio é minha página. As representações da morte no ciberespaço**, faz uma análise documental e qualitativa das páginas criadas no Facebook com a finalidade de cultuar a memória dos mortos. Geralmente criadas por parentes próximos, essas páginas, segundo Letícia Müller, repetiriam muitos dos elementos comunicacionais do mundo *offline* como aqueles descritos por Philippe Áries,

ligados a que o historiador francês chama de a “morte domada”. Além disso, para a autora, o ciberespaço seria um Além Digital, onde a memória dos mortos seria preservada por meio de vídeos, imagens, áudios e outros recursos dessa nova mídia.

Por fim, fica aqui o nosso agradecimento à professora Sonia Bakonyi, falecida recentemente, pelo apoio dado à criação desta revista que, com este volume, dá o primeiro passo para a consolidação do campo de pesquisa na área de Comunicação Social do Centro Universitário Internacional Uninter. Dedicamos esta edição à sua memória.